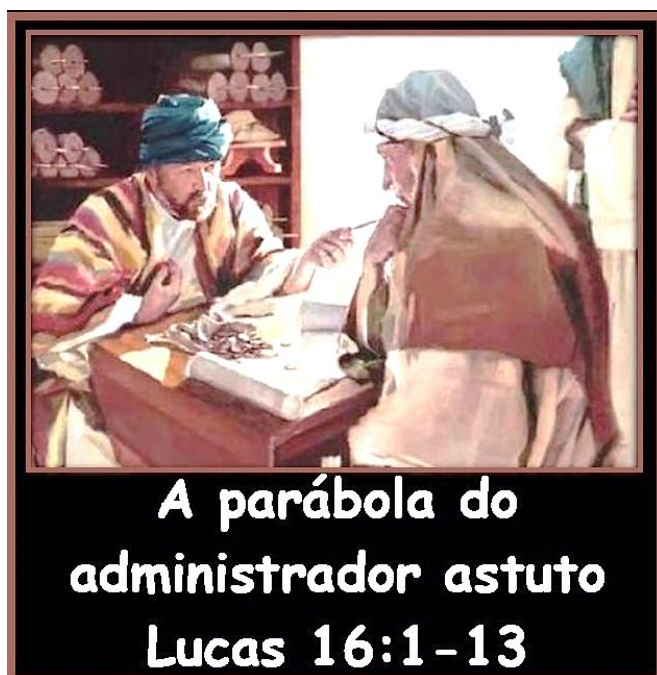




Viver a Palavra

É possível que o Evangelho proponha como modelo a imitar um administrador desonesto?

Na verdade, ao lermos o Evangelho proposto para este Domingo encontramos uma parábola que nos deixa sempre um pouco perplexos e nos faz inquirir qual a razão pela qual Jesus escolhe um administrador que é acusado de desperdiçar os bens do seu senhor para narrar esta parábola. Mais, este administrador é elogiado precisamente pelo seu senhor, não pela sua danosa administração, mas pela esperteza e prontidão com que reagiu ao despedimento do qual foi alvo.

Alguns exegetas, tentando reduzir o impacto e estranheza causados pela narrativa, recordam o costume palestinese dos grandes proprietários de confiarem as suas propriedades a administradores locais, dando-lhes grande margem de manobra, desde que, no final do ano, entregassem ao senhor o que tinham acordado. Deste modo, este administrador a única coisa que fez foi retirar aos devedores do seu senhor aquela que seria a sua parte do lucro, garantindo assim que uma vez despedido, tivesse quem o acolhesse.

Contudo, Jesus não centra a sua parábola na desonestidade deste homem e nem a recomenda, nem a censura. O administrador desta parábola e o discípulo de Jesus pertencem a duas formas bem distintas de olhar a vida e os outros: um obedece à lógica do mundo e o outro à lógica do Reino. Porém, o discípulo de Jesus é convidado a aprender do administrador não a ser desonesto, mas a forjar a capacidade de decidir com prontidão, inteligência e largueza.

Neste momento difícil em que é descoberto, este administrador demonstra sobretudo capacidade de aceitação da realidade («*que hei-de fazer, agora que o meu senhor me vai tirar a administração?*»), o reconhecimento dos seus próprios limites, das suas capacidades e impotências («*para cavar não tenho força, de mendigar tenho vergonha*») e, por fim, toma uma decisão e faz uma escolha, preparando um futuro para si, efetuando gestos que lhe abrem novas possibilidades no futuro. Por isso, a exemplaridade deste homem não está no seu mau proceder como administrador, mas em discernir realisticamente a situação crítica em que se encontra e agir em conformidade, com prontidão e inteligência.

Os «*filhos da luz*» devem aprender a discernir o tempo e a hora, devem reconhecer a proximidade do Reino e construir a sua existência com gestos prontos de conversão que preparam o nosso coração para a vida eterna para a qual somos chamados.

O administrador que engana e rouba, que faz saldos de última hora, é também capaz de transformar os seus bens em amizade. Aflito, aquele homem oferece trigo e azeite, serve-se do dinheiro para ser acolhido e amado. Ao desperdício sucede o dom. A riqueza, habitualmente, fecha as casas, constrói muros, põe alarmes e portas blindadas. Agora, pelo contrário, o dom abre aquele homem à relação com os outros, colocando o dinheiro ao serviço da amizade.

Os bens deste mundo, necessários à nossa sobrevivência, não devem ser um fim em si mesmos. Não devem ser eles a possuírem-nos, mas nós a possuímos os bens para que os possamos colocar ao serviço do bem, do amor e da verdade.

«Arranjai amigos com o vil dinheiro, para que, quando este vier a faltar, eles vos recebam nas moradas eternas». É mais feliz quem tem mais amigos e não quem tem mais dinheiro. A nossa capacidade de amar transforma o mundo em que vivemos num lugar melhor e mais feliz e prepara o nosso coração para o Reino que esperamos saborear um dia em plenitude.

Na verdade, os bons administradores são os que imitam a gratuidade divina e o perdão do Pai, semeando o bem, a bondade e a ternura e assim, como recorda uma das fórmulas de bênção do rito do matrimónio: «sede testemunhas do amor de Deus no mundo, socorrendo os pobres e todos os que sofrem, para que eles vos recebam um dia, agradecidos, na eterna morada de Deus». *in Voz Portucalense*.

+++++

Continuamos no Tempo Comum, continuamos o Ano Litúrgico – Ano C – onde somos acompanhados pelo evangelista Lucas. Tendo em vista a formação bíblica dos fiéis e a importância do conhecimento da Sagrada Escritura como Palavra que ilumina a vida dos batizados, o contexto do início do Ano Litúrgico pode ser uma oportunidade para um encontro ou até vários encontros, sobre o Evangelista deste ano litúrgico.

Como se diz acima, durante **todo este ano litúrgico – 2024/2025 -, acompanhamos o evangelista Lucas** em grande parte das proclamações do Evangelho. Deste modo, como preparação complementar, poderá ser oportuna uma proposta de formação para todos os fiéis acerca do Evangelho de S. Lucas.

E faremos isso....

Em anexo à Liturgia da Palavra e, também, num separador próprio, da página da paróquia de Vilar de Andorinho, ficará disponível um texto sobre o evangelista Lucas. Poderão melhorar os conhecimentos bíblicos – Novo Testamento e Antigo Testamento – em <https://paroquiavilarandorinho.pt/fbiblica/>. Proporciona-se a todos os fiéis, um maior conhecimento deste precioso tesouro que é a Sagrada Escritura.

LEITURA I – Amós 8,4-7

Escutai bem, vós que espezinhais o pobre e quereis eliminar os humildes da terra.

Vós dizeis:

**«Quando passará a lua nova,
para podermos vender o nosso grão?
Quando chegará o fim de sábado,
para podermos abrir os celeiros de trigo?
Faremos a medida mais pequena,
aumentaremos o preço,
arranjaremos balanças falsas.
Compraremos os necessitados por dinheiro
e os indigentes por um par de sandálias.
Venderemos até as cascas do nosso trigo».**
Mas o Senhor jurou pela glória de Jacob:
«Nunca esquecerei nenhuma das suas obras».

CONTEXTO

Amós, o “profeta da justiça social”, exerceu o seu ministério profético no reino do Norte (Israel) em meados do séc. VIII a.C. (talvez por volta de 760 a. C.), durante o reinado de Jeroboão II. É uma época de prosperidade económica e de estabilidade política: as conquistas de Jeroboão II alargaram consideravelmente os limites do reino e permitiram a entrada de tributos dos povos vencidos; o comércio e a indústria (mineira e têxtil) desenvolveram-se significativamente. As habitações da burguesia urbana atingiram um luxo e magnificência até então desconhecidos.

A prosperidade e o bem-estar das classes favorecidas contrastavam, porém, com a miséria de uma parte significativa da população do país. O sistema de distribuição estava nas mãos de comerciantes sem escrúpulos que, aproveitando o bem-estar económico, especulavam com os preços. Com o aumento dos preços dos bens essenciais, as famílias de menores recursos endividavam-se e acabavam por se ver espoliadas das suas terras em favor dos grandes latifundiários. A classe dirigente, rica e poderosa, dominava os tribunais e subornava os juizes, impedindo que o tribunal fizesse justiça aos mais pobres e defendesse os direitos dos menos poderosos. Entretanto, a religião florescia num esplendor ritual nunca visto. Magníficas festas, abundantes sacrifícios de animais, um culto esplendoroso, marcavam a vida religiosa dos israelitas... O problema é que esse culto não tinha nada a ver com a vida: no dia a dia, os mesmos que participavam nesses ritos culturais majestosos praticavam injustiças contra o pobre e cometiam toda a espécie de atropelos ao direito. Mais ainda: os ricos ofereciam a Deus abundantes ofertas, a fim de serenar as suas consciências culpadas e assegurar a

cumplicidade de Deus para os seus negócios escuros... Além disso, a influência da religião cananeia estava a levar os israelitas para o sincretismo religioso: o culto a Javé misturava-se com rituais pagãos provenientes dos cultos a Baal e Astarte. Essa confusão religiosa punha em sérios riscos a pureza da fé javista.

É neste contexto que aparece o profeta Amós. Natural de Técuá (uma pequena aldeia situada no deserto de Judá), Amós não é profeta de profissão; mas, chamado por Deus, deixa a sua terra, o seu trabalho e a sua família e parte para o reino vizinho (Israel) para gritar à classe dirigente a sua denúncia profética. A rudeza do seu discurso, aliada à integridade e afoiteza da sua fé, traz algo do ambiente duro do deserto e contrasta com a indolência e o luxo da sociedade israelita da época.

O oráculo que a liturgia nos propõe como primeira leitura neste vigésimo quinto domingo comum denuncia veementemente o comércio injusto. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- Muitos séculos nos separam do mundo do profeta Amós; contudo, a sua denúncia parece-nos bem atual. Ele descreve uma sociedade que, como a nossa, está profundamente marcada pela doença do egoísmo. Os sintomas dessa doença veem-se na exploração dos mais pobres, na especulação com os bens de primeira necessidade, na fraude, na adulteração da verdade, na corrupção, na tentação do lucro fácil, na exploração do trabalho escravo, no desrespeito pela dignidade dos outros seres humanos... Não é exatamente isto que continuamos a ver acontecer todos os dias à nossa volta? Talvez a única diferença do mundo de Amós para o nosso mundo do séc. XXI seja que hoje utilizamos técnicas mais sofisticadas e elaboradas para sustentar os mecanismos de injustiça, de exploração e de morte. O que pensamos dos lucros indecentes de tantas multinacionais sem rosto nem moral, cuja única preocupação “social” é a distribuição de dividendos chorudos pelos seus acionistas? Contribuímos pessoalmente, de alguma forma, para alimentar sistemas de exploração e de injustiça? Como profetas, como filhos de um Deus que não pactua com a injustiça, o que fazemos para que o mundo não funcione de acordo com valores egoístas, injustos e desumanos?
- Amós diz uma coisa inquietante: “Deus nunca esquecerá” as obras daqueles que, dominados pela ganância, multiplicam as injustiças e deixam atrás de si um cortejo de vítimas. Talvez tenhamos ignorado demasiadas vezes este aviso; talvez achemos que Deus não se mete em questões de política social; talvez estejamos convencidos de que é possível acalmar a indignação de Deus repartindo com Ele alguns dos nossos lucros; talvez pensemos que, se cumprirmos as nossas “obrigações” religiosas, Deus não terá razões de queixa contra nós; talvez consideremos que há pecados mais graves, do ponto de vista de Deus, do que algumas “habilidades” que fazemos para engrossar a conta bancária; talvez achemos que Deus nos desculpa tudo por causa dos cargos importantes que temos na nossa comunidade paroquial... Mas, depois de todos esses “talvez”, fica a afirmação decisiva e arrepiante que o profeta Amós nos lança: “Deus nunca esquecerá nenhuma das obras” de quem defraudou os seus irmãos e atirou o pobre para a miséria. Não há desculpas nem meios termos, nem explicações razoáveis: “Deus nunca esquecerá”. Medimos bem o alcance de tudo isto? *in Dehonianos.*

SALMO RESPONSORIAL – Salmo 112 (113)

Refrão 1: Louvai o Senhor, que levanta os fracos.

Refrão 2: Louvai o Senhor, que exalta os humildes.

Refrão 3: Aleluia.

Louvai, servos do Senhor,

louvai o nome do Senhor.

Bendito seja o nome do Senhor,

agora e para sempre.

O Senhor domina sobre todos os povos,

a sua glória está acima dos céus.

Quem se compara ao Senhor nosso Deus, que tem o seu trono nas alturas

e Se inclina lá do alto a olhar o céu e a terra.

Levanta do pó o indigente

e tira o pobre da miséria,

para o fazer sentar com os grandes,

com os grandes do seu povo.

LEITURA II – 1 Timóteo 2,1-8

Caríssimo:

Recomendo, antes de tudo,

que se façam preces, orações, súplicas e ações de graças
por todos os homens, pelos reis e por todas as autoridades,
para que possamos levar uma vida tranquila e pacífica,
com toda a piedade e dignidade.

Isto é bom e agradável aos olhos de Deus, nosso Salvador;
Ele quer que todos os homens se salvem
e cheguem ao conhecimento da verdade.

Há um só Deus

e um só mediador entre Deus e os homens,
o homem Jesus Cristo,
que Se entregou à morte pela redenção de todos.

Tal é o testemunho que foi dado a seu tempo
e do qual fui constituído arauto e apóstolo

– digo a verdade, não minto –
mestre dos gentios na fé e na verdade.

Quero, portanto, que os homens rezem em toda a parte,
erguendo para o Céu as mãos santas,
sem ira nem contenda.

CONTEXTO

Paulo encontrou pela primeira vez Timóteo em Listra, cidade da Licaónia, no decurso da sua segunda viagem missionária. O pai de Timóteo era grego e a mãe, de nome Eunice, era judeo-cristã. A avó de Timóteo, chamada Loide, também teve influência na sua educação cristã (cf. At 16,1-3; 2 Tm 1,5). Timóteo, depois de ser circuncidado “por causa dos judeus existentes naquela região”, acompanhou Paulo, aparecendo junto dele na Bereia, em Atenas (cf. At 17,14-15), Corinto (cf. At 18,5) e Éfeso (cf. At 19,22). Paulo referir-se-á a Timóteo como “nosso irmão e colaborador de Deus no Evangelho de Cristo” (1 Ts 3,2) e confiou-lhe algumas missões delicadas junto de comunidades cristãs que se defrontavam com alguns problemas (cf. 1 Ts 3,2.6; 1 Cor 4,17; 16,10-11). Tudo isto sugere uma grande proximidade entre Paulo e Timóteo. A tradição cristã apresenta Timóteo como o primeiro bispo de Éfeso.

A maior parte dos estudiosos duvida que a primeira Carta a Timóteo tenha sido escrita por Paulo. A linguagem e a teologia parecem significativamente distantes de outras cartas reconhecidamente paulinas. Além disso, a carta refere-se a um modelo de organização eclesial que parece claramente posterior à época de Paulo (Paulo teria sido martirizado em Roma por volta do ano 66/67, durante a perseguição de Nero). A grande preocupação que transparece na primeira Carta a Timóteo já não é a difusão do Evangelho, mas sim a organização e a conservação do “depósito da fé”. A temática tratada incide fundamentalmente sobre a organização da comunidade, a necessidade de combater as heresias nascentes, o incremento da vida cristã dos fiéis.

No texto que a liturgia deste domingo nos propõe como segunda leitura, o autor da Carta deixa a Timóteo indicações sobre a oração litúrgica. *in Dehonianos*

INTERPELAÇÕES

- O autor da primeira Carta a Timóteo vê a comunidade cristã como um espaço de universalidade e de comunhão. Nela Deus concretiza a Sua oferta de salvação a todos os homens e mulheres, sem exceção. A comunidade cristã é chamada a dar testemunho no mundo de um Deus que é Pai de todos; e deve anunciar Jesus como o mediador entre Deus e a humanidade inteira. Isto exclui, naturalmente, qualquer compreensão da comunidade cristã como realidade voltada exclusivamente para si própria, que recusa dialogar com o “mundo” e que desconfia de tudo aquilo que é diferente ou que ultrapassa as fronteiras da fé e da doutrina. A comunidade cristã é a “casa” de Deus no mundo, o “lugar” aberto onde todos, independentemente das suas diferenças, podem fazer a experiência de viverem como filhos amados de Deus. As nossas comunidades cristãs são, de facto, lugares de comunhão, onde todos podem encontrar-se com o amor de Deus? Enquanto crentes, estamos abertos ao mundo e aos seus desafios? Estamos preparados para reconhecer a parcela de verdade e de honestidade que existe em tantas experiências de vida diferentes das nossas? No nosso testemunho propomos ao mundo um Deus que é Pai de todos e que abraça com amor todos os seus filhos, sem exceção?
- O entendimento da Igreja como uma família de irmãos e de irmãs que tem Deus como Pai de todos, leva-nos à exigência da solidariedade e à descoberta da nossa responsabilidade para com todos aqueles que caminham ao nosso lado. Como o profeta Amós (que escutamos na primeira leitura deste domingo) avaliamos como intoleráveis as injustiças que ferem os nossos irmãos e irmãs; passamos a abominar tudo aquilo que atenta contra a dignidade de qualquer ser humano; sentimos

vontade de lutar contra os mecanismos que geram exploração, miséria, mentira, sofrimento e morte; propomo-nos lutar por um mundo mais justo, mais digno, mais humano... Sentimo-nos, verdadeiramente, irmãos de todos, responsáveis por todos? As dores e as esperanças de todos os homens – mesmo aqueles que nunca vimos – são as nossas dores e esperanças? Inquieta-nos o sofrimento, as injustiças, as necessidades dos irmãos e das irmãs que partilham connosco o caminho da vida?

- Para o autor da primeira Carta a Timóteo, a universalidade, a solidariedade, a fraternidade, a consciência da nossa responsabilidade por todos, também devem transparecer nos momentos em que dialogamos com Deus. A nossa oração será muito pobre e muito egoísta se for apenas o momento em que nós tentamos pôr Deus ao nosso serviço exclusivo e Lhe recomendamos que não se esqueça de cuidar dos nossos interesses, dos nossos projetos, das nossas carências, enfim, de tudo o que é “nosso”... Como é que Deus verá a oração de quem só fala de si e só quer saber de si próprio? No diálogo com o nosso Pai do céu não deveríamos mostrar que o nosso coração não está fechado aos outros, exclusivamente virado para nós próprios? *in Dehonianos*

EVANGELHO – Lucas 16,1-13

Naquele tempo,

disse Jesus aos seus discípulos:

**«Um homem rico tinha um administrador,
que foi denunciado por andar a desperdiçar os seus bens.**

Mandou chamá-lo e disse-lhe:

‘Que é isto que ouço dizer de ti?

**Presta contas da tua administração,
porque já não podes continuar a administrar’.**

O administrador disse consigo:

‘Que hei de fazer,

agora que o meu senhor me vai tirar a administração?

Para cavar não tenho força,

de mendigar tenho vergonha.

Já sei o que hei de fazer,

para que, ao ser despedido da administração,

alguém me receba em sua casa’.

Mandou chamar um por um os devedores do seu senhor e disse ao primeiro:

‘Quanto deves ao meu senhor?’.

Ele respondeu: ‘Cem talhas de azeite’.

O administrador disse-lhe:

‘Toma a tua conta: senta-te depressa e escreve cinquenta’.

A seguir disse a outro: ‘E tu quanto deves?’.

Ele respondeu: ‘Cem medidas de trigo’.

Disse-lhe o administrador:

‘Toma a tua conta e escreve oitenta’.

E o senhor elogiou o administrador desonesto,

por ter procedido com esperteza.

De facto, os filhos deste mundo são mais espertos do que os filhos da luz,

no trato com os seus semelhantes.

Ora Eu digo-vos:

Arranjai amigos com o vil dinheiro,

para que, quando este vier a faltar,

eles vos recebam nas moradas eternas.

Quem é fiel nas coisas pequenas também é fiel nas grandes;

e quem é injusto nas coisas pequenas também é injusto nas grandes.

Se não fostes fiéis no que se refere ao vil dinheiro,

quem vos confiará o verdadeiro bem?

E se não fostes fiéis no bem alheio,

quem vos entregará o que é vosso?

Nenhum servo pode servir a dois senhores,

porque, ou não gosta de um deles e estima o outro,

ou se dedica a um e despreza o outro.

Não podeis servir a Deus e ao dinheiro».

CONTEXTO

Enquanto caminha com os discípulos em direção a Jerusalém, Jesus prepara-os para serem testemunhas do Reino de Deus. Sob a orientação de Jesus, os discípulos vão-se progressivamente despidendo das suas lógicas egoístas, dos seus valores fúteis, dos seus sonhos de grandeza; à medida que caminham com Jesus, eles vão aprendendo a abraçar a lógica e os valores do Reino de Deus.

Uma vez mais, Lucas não indica em que momento do “caminho para Jerusalém” aconteceu esta “conversa”. Mais do que situar geograficamente os acontecimentos, Lucas está interessado em “sentar-nos” aos pés de Jesus a escutar a sua “instrução”, a receber o seu ensinamento. Desta vez, a “instrução” de Jesus – que se destina aos discípulos de todas as épocas – incide sobre a maneira de lidar com os bens materiais.

O nosso texto consta de duas partes. Na primeira (vers. 1-9), temos uma parábola sobre um administrador sagaz, que administra de forma peculiar os bens de um homem rico; na segunda (vers. 10-13), temos um conjunto de “ditos” de Jesus sobre os bens materiais. O mais provável é que esses “ditos” tenham aparecido em contextos diversos, não vinculados com a parábola em questão; contudo, Lucas achou que eles poderiam ser um bom comentário à temática abordada na parábola e colocou-os nesse enquadramento. Quer a parábola, quer os “ditos” sobre a riqueza são exclusivos de Lucas. *in Dehonianos.*

INTERPELAÇÕES

- O que é que dá sentido à nossa vida? Quais são as coisas das quais não podemos absolutamente prescindir? Quais são as apostas que priorizamos? Será boa ideia apostarmos todos os nossos esforços na procura de bens materiais? Há gente para quem o dinheiro é a prioridade fundamental; há gente que acredita que o dinheiro lhe pode proporcionar bem-estar, segurança, poder, importância, influência; há gente que considera que o dinheiro lhe facilitará a vida e lhe assegurará uma felicidade sem estorvos. Jesus, no entanto, tem outra perspetiva das coisas. Ele considera que, quando se trata de dar sentido à vida, há valores mais seguros, mais importantes, mais duradouros do que o dinheiro. Jesus acha que “fazer amigos” é bem mais importante do que ter contas bancárias recheadas; estabelecer pontes de diálogo e entendimento é mais compensador do que viver fechado num mundo pessoal de bem-estar e de autossuficiência; partilhar o que temos com os nossos irmãos necessitados traz-nos mais felicidade do que a acumulação egoísta da riqueza. Para Jesus, os valores do Reino de Deus – o amor, a fraternidade, a solidariedade, a generosidade, a partilha, o serviço, o cuidado, a simplicidade, a humildade – é que são os valores que nos completam, que nos realizam, e que devem sustentar o edifício da nossa vida. O que pensamos disto? Concordamos com Jesus?
- Na “instrução” que o Evangelho de hoje nos traz, Jesus diz aos discípulos: “nenhum servo pode servir a dois senhores, porque, ou não gosta de um deles e estima o outro, ou se dedica a um e despreza o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro”. É uma advertência muito grave. Jesus não estará a exagerar? Será verdade que o dinheiro nos incompatibiliza com Deus? A verdade é que o dinheiro é um “senhor” extremamente exigente, que toma conta de nós, que nos absorve completamente e que não nos deixa grande espaço de manobra. Se o permitirmos, ele pode tornar-se o dono absoluto das nossas vidas e obrigar-nos a colocar em segundo plano todas as nossas outras referências: Deus, a família, os amigos, a nossa dignidade, a nossa liberdade, a nossa consciência, os nossos princípios mais sagrados. O dinheiro promete-nos horizontes ilimitados, êxitos inequívocos, felicidade sem fim; mas, fatalmente, acaba por nos dececionar e por nos deixar mergulhados no vazio e na desilusão. Talvez toda esta “prevenção” nos pareça excessiva; mas não conhecemos tantos casos, à nossa volta, de gente que colocou toda a sua esperança e segurança no dinheiro e que acabou por perder as coisas mais belas da vida? Que papel e que lugar ocupa o dinheiro na nossa vida?
- Jesus dizia que o dinheiro, convertido em ídolo absoluto, era o grande obstáculo para construirmos um mundo mais justo, mais fraterno e mais feliz. Não o levamos a sério. Deixamos que o dinheiro se tornasse o verdadeiro motor que impulsiona a história dos homens; e as consequências estão à vista: lançamo-nos na exploração criminosa e descontrolada dos recursos naturais, deixamos feridas irreparáveis na “casa comum” que Deus ofereceu a todos os homens, aumentamos as clivagens e os desequilíbrios sociais, condenamos à miséria tantos e tantos dos nossos irmãos, multiplicamos as injustiças e os sofrimentos, colocamos os interesses dos grandes do mundo acima da dignidade dos pobres, criamos um mundo desumano e cruel que subverte completamente o projeto que Deus tinha para os seus filhos... Onde nos leva a obsessão pelo dinheiro? Que história estamos a construir? É este o mundo que queremos? O que podemos fazer para inverter esta lógica e construir um mundo mais humano?
- Talvez o “administrador” da parábola contada por Jesus nem sempre tenha feito uma gestão adequada dos bens que o seu senhor lhe confiou; mas a verdade é que, feitas as contas, ele soube utilizar esses bens para, de forma inteligente, “comprar” valores duradouros. Todos nós somos

“administradores” dos bens que Deus colocou à nossa disposição. Como os temos gerido? Usamo-los para nosso benefício exclusivo, ou partilhamo-los generosamente com os nossos irmãos? Gastamo-los apenas em nosso proveito pessoal, ou servimo-nos deles para fazer o bem? Malbaratamo-los em projetos inconsequentes e egoístas, ou usamo-los para arranjar “um tesouro inesgotável no céu, onde o ladrão não chega e a traça não rói” (Lc 12,33)? *in Dehonianos*.

Para os leitores:

A **primeira leitura** da profecia de Amós é a condenação daqueles que colocando a sua segurança nos bens deste mundo espezinham e oprimem os pobres. Deste modo, a proclamação desta leitura deve ter em conta este tom, tendo em atenção as frases interrogativas e o tom ambicioso de quem pela ganância tudo quer. Além disso, é importante ler com um tom diferente a frase final onde Deus promete não esquecer as obras do Seu Povo.

Na **segunda leitura**, deve ter-se em atenção as frases longas com diversas orações próprias da literatura paulina. Deste modo, deve haver um especial cuidado nas respirações e nas pausas para uma eficaz proclamação da leitura.

I Leitura: (ver anexo)

II Leitura: (ver anexo)